

S. João, triste sem Tancredo

5 ABR 1985

JOSÉ MARIA MAYRINK
Enviado especial

A mesma vidinha calma nas ruas, a mesma conversa fiada nas esquinas, os mesmos rostos cansados nas janelas, os mesmos dobres sentidos dos sinos, a mesma piedade nas igrejas, o mesmo friozinho de outono fechando mais cedo as vidraças dos casarões coloniais, a mesma rotina de sempre em São João del Rey.

"A mesma rotina, mas sem Tancredo", observou o dr. Diomedes Garcia de Lima, o médico da família Neves, saindo ao meio-dia da Santa Casa, na hora em que lojas e armazéns vão baixando as portas para o almoço.

Palavras de curiosa contradição, pois é justamente agora, quando Tancredo Neves está repousando ali na sepultura nº 84 do cemitério de São Francisco de Assis — de volta para sempre à sua terra natal —, que ele se torna um amigo e conterrâneo ausente, lembrança viva apenas na saudade e nos corações sanjoanenses.

A cidade amanheceu pesada, a tristeza se refletindo nos olhos da pessoas e se perpetuando nas faixas que cobriram quarta-feira, o dia do sepultamento, as ruas e as praças cheias de gente, uma fila interminável a caminho do velório na igreja.

"Mesmo na sua ausência, sua estrela há de brilhar", diz uma dessas faixas na rua Artur Bernardes, no quarteirão onde um grupo de pessoas vai lendo, da manhã à noite, o último editorial do *Jornal do Posto*. O editorial fala da santidade de Tancredo Neves, "um homem, um político, um místico, enfim, um santo defensor dos ideais de São Francisco de Assis". E ainda afirma que, se "os homens se santificam através dos exemplos e dos martírios, conhecemos os bons exemplos e assistimos ao martírio do presidente Tancredo Neves".

Do outro lado da cidade, uma interminável peregrinação se inicia junto ao túmulo nº 84 do cemitério da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis, dezenas de sanjoanenses e de turistas rezando — às vezes de mãos dadas e em voz alta, mas quase sempre em silêncio e com lágrimas nos olhos —, contemplando a lápide branca de uma sepultura de tijolos, muito simples e despojada.

Dona Josina Carvalho, que vive em São João del Rey há 55 anos, soluça desconsolada, lembrando que Tancredo Neves salvou sua vida uma vez, dando-lhe dinheiro para procurar um médico especialista em Belo Horizonte. Ela não se conforma com a doença e muito menos com a morte. Suas suspeitas e seu desespero:

"Acho que tudo isso foi coisa mandada. Duvido até mesmo do dr. Pinotti e ninguém vai me convencer do contrário. Deus há de me dar vida e força para ver o castigo para quem fez isso". Dona Josina ia falando e lendo as mensagens das 96 coroas de flores dispostas ao longo da parede da sacristia, sem espaço para enfeitar o túmulo.

"Ele foi um grande presidente", grita bem alto a menina Daniela Paula da Ávila, de quatro anos, chegando com Dona Maria do Carmo, sua mãe, para ver a sepultura. As duas viram o rosto do presidente, no velório da igreja, mas Daniela pediu para ir também ao cemitério. "Mas aqui a gente não pode nem rir?" — perguntava ela a dona Maria do Carmo, sem entender por que tanta compenetração.

A família Neves mandou pintar a lápide, ontem de manhã, para cobri-la com algumas flores. Um empregado do solar do Largo do Rosário disse que, como é impossível depositar todas as coroas no cemitério, não haverá discriminação: preferiu-se retirar todas as fitas e levá-las para dona Risoleta ler as mensagens.

Dona Risoleta passou o dia em casa, o tempo todo em companhia apenas dos filhos e netos. Ela recebeu apenas uma visita, pois as outras, muito numerosas, ficaram por conta de Maria do Carmo. Tancredo Augusto viajou para Belo Horizonte e Aécio ficou com sua mãe, Inês Maria. Às 17 horas, Andréa saía de carro, depois de dormir durante a tarde, para recuperar as forças, "como estão fazendo todas na família". Vendo a primeira e a última página da edição de ontem de o *Estado de S. Paulo*, emocionou-se mais uma vez até às lágrimas com as cenas da véspera.

Dona Risoleta continuará em São João del Rey pelo menos até domingo, para assistir sábado à missa de sétimo dia. Será às 17 horas na matriz de Nossa Senhora do Pilar e ela quer que sejam também nessa hora todas as missas que forem celebradas no Brasil — ou pelo menos em Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. O secretário Mauro Salles, de Assuntos Especiais, está cuidando disso.

Na praça da igreja de São Francisco, o artesão Jaime Luiz Vieira trabalhava pacientemente, ontem de manhã, para fazer uma máscara de gesso do rosto de Tancredo Neves, esculpido em areia e água sobre o calçamento de pedra. Ele queria "perpetuar" a obra que seu colega Mauro Marques fez em homenagem a Tancredo Neves ("Vou fazer uma contramáscara de gesso para depois reproduzir o rosto com qualquer material", explicou ele), para dá-la de presente à família Neves na missa de sétimo dia, em nome da corporação dos artesãos.

A família mal aparece nas ruas, mas tem recebido em cada uma de suas casas dezenas de provas de solidariedade e afeição. Dona Zininha, irmã de Tancredo, agradeceu o trabalho dos jornalistas que foram despedir-se dela e pediu desculpas pelo que não podia in-

formar: "Se a gente às vezes ficou meio retraída — disse ela — foi porque tínhamos medo de dar informações erradas. O nervosismo era muito grande e por isso compreendemos também todas as possíveis falhas".

Três quarteirões adiante, sua filha Carminha comentava a dor da véspera, falando do velório na igreja e do sepultamento no cemitério: "Para nós, que estávamos aqui em São João del Rey, a realidade da morte só se tornou uma coisa concreta quando chegou a corpo e a gente viu que tio Tancredo estava mesmo morto. Antes, acompanhávamos as notícias à distância e não experimentávamos ainda toda a dor desse sofrimento".

Carminha estava preocupada com as pessoas que fizeram fila para ver a urna na igreja de São Francisco e queria saber se todos conseguiram entrar.

Nem todos conseguiram. Mais de 50 mil pessoas desfilaram diante do rosto de Tancredo Neves ao longo de quase 11 horas, mas umas 200 ficaram de fora. Muitas delas não se conformaram: permaneceram, junto aos muros, tentando acompanhar o sepultamento no cemitério, apesar do frio e da hora. Mas foram recompensadas: quando terminou a cerimônia, depois das 23h30, dona Risoleta foi despedir-se das autoridades à porta da igreja e acabou acolhendo também os abraços e as lágrimas da gente do povo — amigos anônimos e humildes que pediam a Deus para aumentar mais ainda sua coragem.

Octávio Neves, de 79 anos, o irmão mais velho, também passou a quinta-feira em casa, quebrando a rotina que todas as manhãs o leva à diretoria do Hospital de Nossa Senhora das Mercês, para algumas horas de trabalho. Ele agüentou firme (raríssimas vezes levou o lenço aos olhos) o cortejo fúnebre e o velório, mas sentiu-se mal e teve de sair antes do cemitério, sem esperar pelo fim do sepultamento.